

Neoclassismo Romântico-liberal e Social de Alexandre Herculano

Gestor

Um autor romântico é por princípio um defensor da originalidade.

Esse conceito tornou-se no século, numa programática corrente na Alemanha, chamada de “*Originalgenie*”, ocorrida no decorrer do último quartel do século XVIII, antes ainda de Herculano ter nascido, com uma derivação em Schiller.

Na correlação dessa derivação, na importância de Schiller sob o ponto de vista da poesia e do teatro, mas também da história, da filosofia, da política, etc... Aparecendo o seu nome em diversos estudos sobre baladas, sobre a Revolução Francesa ou ainda trabalhos sobre o “mito”.

Podemos daqui correlacionar a importância de Schiller, com o “nosso” Alexandre Herculano, onde será desenvolvida a correlação e similitude destes dois autores.

Para os alemães, Schiller foi um clássico; para o resto da Europa, um romântico, sendo conservador para uns e revolucionário para outros. De um lado, o dramaturgo que reintroduziu o coro no teatro em pleno século XIX, de outro, o pensador arrojado que no seu ensaio “**Poesia ingénua e sentimental**” discutiu a oposição entre a Natureza e o Belo e, com isso, trouxe à baila duas noções que serão fundamentais para a teoria romântica.

Leitor assíduo de Rousseau e Kant – Schiller foi um pensador irrequieto e ousado, que não teve medo de desafiar os poderosos ou de entrar em choque com as normas estabelecidas, mantendo-se fiel aos seus ideais em defesa da liberdade do indivíduo e em prol de um senso estético apurado.

Dessa presença tão marcante, ocorreu em 1781 a primeira peça chamada de – **“Die Rauber”** ou **“Os bandoleiros”**, onde deixou uma marca tão forte, que não se poderia imaginar o Romantismo sem ela, principalmente na vertente do Romantismo social, representada supremamente por Vitor Hugo, que não seria o mesmo se não tivesse recebido, direta ou indiretamente, o estímulo proveniente de Schiller.

Deste contributo de Schiller, evidencia-se o lado menos visível, embora de alguma forma conhecido, da proximidade do pensamento, com o escritor Alexandre Herculano, que foi indiscutivelmente, um ativista do liberalismo, adepto fervoroso da moral e promotor da ideologia romântica nacional.

Talvez em virtude de uma formação intelectual pouco comum, já que não teve oportunidade de fazer estudos superiores, e de circunstâncias políticas especiais que o levaram ao exílio, onde acabou por conhecer e apreender várias línguas europeias, após visitar diversos países que nas primeiras décadas do século dezanove não constavam das rotas mais percorridas por intelectuais e curiosos.

Jorge de Sena, em **“Sobre o Perspetivismo Histórico-Literário”**, afirma que Herculano foi, a par de Garrett, uma das figuras esmagadoras do romantismo social português, da envergadura das figuras mais consagradas da literatura europeia do seu tempo.

Evidenciar as relações de Herculano com as culturas europeias, sobretudo com a alemã, a que mais admirou, é assim mais uma forma de ser sublinhada a sua intensa singularidade, num século em que o contacto cultural com o estrangeiro raramente ultrapassou a cidade de Paris.

Nesses contactos, percebe que a produção de Friedrich Schiller cobre um leque imenso de formas, temas e pensamentos, influenciando as mentes de vários pensadores e autores europeus.

Podemos ver essa influência em Portugal através de Alexandre Herculano que, inspirando-se na obra **'Os bandoleiros'**, de Schiller, compôs o seu poema **"A semana santa"**.

Apesar do título, que parece indicar uma temática religiosa, o poema volta-se nominalmente contra o absolutismo e contra o domínio dos ingleses em solo português, manifestando-se em prol das liberdades civis.

Pode-se considerar que o poema é um verdadeiro **"manifesto liberal"**, ou seja, uma defesa da burguesia portuguesa, classe até então subjugada pela aristocracia e pelo domínio inglês.

Para servir de epígrafe ao seu poema, Alexandre Herculano escolheu uma frase do ato 5, da cena 1 de **"Os bandoleiros"**: - "O pensamento chamado Deus desperta um vizinho temível cujo nome é Juiz".

Nesse poema, Alexandre Herculano, invoca Deus para sensibilizar o partido absolutista liderado pelo infante D. Miguel e D. Carlota Joaquina, derrotados por D. Pedro IV, (D. Pedro I no Brasil), o qual liderou a causa liberal e levou a sua filha D. Maria II ao trono em 1834.

O poema é representativo do pensamento político de Herculano, e, versos como "Creio que Deus é Deus e os homens livres!" estariam imbuídos do mesmo espírito de defesa incondicional da liberdade que Schiller imprimiu na sua peça **"Os bandoleiros"**.

Colheu de Schiller, através da tradução do teor da narrativa de **"Der Geisterseher"** ou o **"O visionário"**, donde reuniu elementos que continham um enorme apelo para os leitores do seu tempo: - sociedades secretas, magia e ocultismo, intrigas de jesuítas e charlatães.

Dessa narrativa convertida por Alexandre Herculano, sobressaiu a inspiração de António Feliciano de Castilho no seu poema **"A noite do castelo"**, grande fomentador da literatura gótica portuguesa.

Dessa conversão, emparelha o nome de Schiller com o de Homero e Platão enquanto "historiador poeta" onde resume a unificação das nações, simpatiza com todas as suas grandezas, execra todas as suas torpitudes,

generalizando todos os sentimentos, todas as aspirações do coração humano, tendo por fim – a humanidade.

Ou seja, comunga de todos os valores que formam a base das ideias Schillerianas, de universalidade, beleza e perfeição, ao invés de aspirar mais além, de ultrapassar os seus próprios limites - o homem moderno seria alguém resignado, cansado, perdido...

Ao contrário disso, através dessa tradução, pode revelar-nos um pensador que defendia a autodeterminação do homem e o direito de cada um de escolher o seu próprio caminho, acreditando no potencial de cada indivíduo, buscando do equilíbrio sereno, alguém em busca de um novo significado.

Alexandre Herculano, de origem humilde, nascido em Lisboa, em 1810, ano da 3.^a invasão francesa, estudou humanidades entre os anos de 1820 e 1825, não tendo frequentado a universidade devido à súbita cegueira contraída pelo seu pai.

Foi escritor, historiador e jornalista e um dos principais autores do Romantismo em Portugal, ao lado de Almeida Garrett e António Feliciano de Castilho.

Com 17 anos, manifestou a sua vocação literária, lendo diversos autores românticos, nomeadamente, alemães e franceses, donde sobressairia Schiller, aprendendo ainda dotes oratórios com o grande pensador e historiador da altura Silvestre Pinheiro Ferreira.

O agitado clima político da época foi, com certeza, outro fator que influenciou decididamente no perfil intelectual de Herculano. Grandes mudanças experimentou Portugal no início do século, em decorrência da agitação de ideias e da reformulação do panorama político europeu, ao ensejo da gesta napoleônica e do ulterior confronto entre democratismo e monarquia, que de uma ou outra forma se espalhou pelos países que receberam a influência cultural da França.

Realce-se nesse pano de fundo histórico, principalmente na primeira metade do século XIX, numa época extraordinariamente fértil em acontecimentos políticos, como - as Invasões Francesas, a fuga da Família Real,

guerrilhas, regência do diplomata inglês Beresford, execução de Gomes Freire de Andrade e de outros conjurados, revolução de 1820, Constituição de 1822 (a primeira Constituição de Portugal), Vilafrancada, carta constitucional de 1826, monarquia absoluta de 1828, revolução liberal do mesmo ano esmagada com o corolário de enforcamentos no Porto, Aveiro e todo esse sudário descrito por Herculano nos “*Mártires da Liberdade*”.

Em 1830, com vinte anos, inicia um curso de comércio, participando de seguida num curso de diplomacia na Torre do Tombo, onde estudou latim, francês, inglês e alemão, linguas que o ajudarão nos contactos futuros.

Para além da rigorosa pesquisa histórica, Herculano denota uma acentuada consciência romântica cívica, tendo em Antero de Quental o seu expoente máximo, sendo indiscutivelmente, um ativista do liberalismo, adepto fervoroso da moral e promotor da ideologia romântica nacional, ao lado de Almeida Garrett, a figura fundadora do Romantismo português e a personalidade que o representa de uma forma mais completa.

Foi essencialmente como romancista e liberal nos pensamentos que Alexandre Herculano será recordado, sendo responsável pelo nascimento de um novo género na literatura portuguesa - o romance histórico - através das suas narrativas históricas, para o qual investigou o passado, principalmente a Idade Média, e o seu carácter pedagógico.

Nas suas poesias refletiu sobre a morte, Deus e a liberdade, referindo-se, igualmente, à guerra civil e ao exílio, testemunhos poéticos da instauração do liberalismo e da saudade de desterrado.

Deu voz à contemporaneidade através da poesia, à semelhança de Victor Hugo, atribuindo-lhe uma função pública, doutrinária e intervencionista, tratando temas de interesse político, social e religioso.

A poesia de Herculano apresenta uma retórica solene, mas polemist, através de um vocabulário evocativo do “belo horrível”, apocalíptico e sepulcral, eufemismos e alguns recursos como o hipérbato.

Recorre a paisagens marcadas por tempestades ou ruínas e na sugestão dos mistérios da religião e da morte, cujo conteúdo estará na base do

ultrarromantismo, pondo-as em prática nas narrativas históricas, especialmente em **“Eurico, o Presbítero”**.

Escrevendo poesia, travou conhecimento com muitos intelectuais da altura, como poetas da estatura do seu amigo Visconde de Castilho, cuja tertúlia frequenta muitas vezes com a Marquesa de Alorna, de seu nome Leonor de Almeida Portugal, que posteriormente homenageará, em 1844, num artigo publicado em **“O Panorama”**, onde a consagra como a **«Madame de Stael portuguesa»**.

Escreverá ainda nesse semanário: *“não é da abertura de canais e estradas, do acréscimo de exportações, do fomento da indústria, que depende a felicidade do povo - é da educação”, e “Negar o aperfeiçoamento intelectual aos homens, deixá-los na bruteza e na ignorância é um ato imoral, é por consequência um crime”*

Envolve-se nas lutas liberais que se espalhavam pelo país, tomando parte em diversas atividades político-revolucionárias, pelo que foi perseguido e obrigado a emigrar em 1831, iniciando um périplo, primeiro por algumas semanas em Inglaterra e depois por França, tendo nessa época, conhecido e estudado o romantismo social de diversos escritores franceses, tais como Guizot, Thierry, Alexis de Tocqueville, Victor Hugo e Lamennais, que viriam posteriormente a influenciar alguns dos seus escritos.

Regressado a Portugal, em fevereiro de 1832, alistou-se no exército liberal de D. Pedro IV, embarcando de caminho à Ilha Terceira, onde fez parte do corpo expedicionário de 7.500 homens que em 8 de julho do mesmo ano, desembarcaram no Mindelo, com vista ao cerco à cidade do Porto, participando na linha de frente da guerra civil que se seguiu.

Ainda antes de terminar o conflito, Herculano foi desobrigado do serviço militar e transformado em pesquisador que trabalha incansavelmente na busca de fontes primárias da história portuguesa, sendo nomeado 2.º bibliotecário da Biblioteca Pública do Porto (criada por essa época com os fundos da livraria do Bispo), Herculano percorreu as bibliotecas monásticas do norte de Portugal, na busca de documentos que possibilitassem a reconstrução da gesta portuguesa. Ainda na cidade do Porto, no ano de

1835, o nosso autor colaborou no jornal “*O Repositório Literário*”, órgão da Sociedade das Ciências Médicas e da Literatura.

É no ano de 1836 que resvala a Revolução Setembrista, que leva à abolição da «Carta Constitucional», jurada por Herculano, e a consequente reposição da «**Constituição de 1822**», o que determina que vendo-se cerceado de alguns dos princípios que caracterizam a liberdade dos cidadãos, e fazendo alarde da dignidade que sempre caracterizou a sua existência, se demita do seu cargo. No seu ensaio intitulado “**A Voz do Profeta**”, testemunha esse descontentamento para com a “população” em ascensão.

Regressa a Lisboa, onde se engajou na luta contra o *setembrismo*, publicando então com extremo êxito em duas séries “**A Voz do Profeta**”, cujo teor adquire ao mesmo tempo o estatuto de um panfleto político contra a «**Revolução Setembrista**», onde evidencia e sente o estilo grandiloquente de “**Paroles d’un Croyant**”, de Lamennais.

Sente-se um *cartista* que defende entusiasticamente a posição de Dom Pedro IV, inimigo declarado do modelo absolutista ensejado pelo *miguelismo*, bem como do democratismo. Sem emprego, o nosso autor aceitou, em 1837, a redação de *O Panorama*, semanário ilustrado, editado pela Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Úteis, tendo aderido em 1838, à nova Constituição, que representava um modelo de transição entre o democratismo da Carta de 1822 e as tendências moderadas. Nesse mesmo ano, Herculano publicou a primeira edição das suas poesias sob o título de “**A Harpa do Crente**”.

Em 1839, com 29 anos, foi nomeado a convite do rei D. Fernando, diretor da **Reais Bibliotecas da Ajuda**, onde permaneceu, até que em 1840 foi eleito, pelo Círculo do Porto, como deputado do partido Conservador, não se adaptando no entanto, devido ao seu temperamento.

Pouco a pouco foi-se afastando da política e dedicando à literatura, do qual resultou nessa época na publicação de dois romances históricos, “**O Bobo**” que gira em torno da vingança do Bobo da Corte de D. Henrique, contra o conde da Trava, o Paroco da Aldeia e “**Eurico e o Presbítero**”,

com o epicentro no celibato clerical na idade média, durante a invasão de Portugal pelo árabes.

Mas Herculano, doutrinário por vocação, não se limitou à vida intelectual, tendo participado ativamente, em 1850, do protesto dos intelectuais contra a denominada “**Lei das Rolhas**”, que constituía um atentado contra a liberdade de imprensa. Na sua casa, no ano seguinte, realizaram-se as reuniões dos oposicionistas que levaram à queda de Costa Cabral, ao ensejo do golpe de estado que deu início à denominada **Regeneração**.

Mas a situação política não se estabilizou com a ascensão do novo governo, de que participaram, inicialmente, alguns dos seus amigos. Desiludido com os rumos pouco liberais do governo emergido da **Regeneração**, o nosso autor passou a participar ativamente da oposição, através dos seus artigos nos jornais “**O País**” e “**O Português**”, convertendo-se no porta-voz mais destacado da burguesia rural média.

Herculano foi também um historiador rigoroso, preocupado com a veracidade dos dados, a confiabilidade das fontes e com a abordagem económica e social dos factos históricos.

Entre 1853 e 1854 preparou a edição dos documentos medievais portugueses dos séculos XII e XIII, sob o título de **Portugaliae Monumenta Historica**, pelo qual em 1853 recebe da Universidade de coimbra um elogio oficial, de que foi relator o seu amigo Vicente Ferrer Neto Paiva.

Escreveu entre 1846 e 1853 a “**História de Portugal**”, em quatro volumes, um dos mais sérios trabalhos da historiografia de seu tempo, onde focaliza o começo da monarquia até o fim do reinado de Afonso III e entre 1854 e 1859, a “**História da Origem e Estabelecimento da Inquisição em Portugal**”.

Em 1860, como membro da Comissão Revisora do Código Civil, propôs a introdução, em Portugal, do casamento civil, tendo sido atacado duramente pelo clero, do qual se defendeu numa série de artigos contundentes que publicaria mais tarde sob o título de **Estudos sobre o casamento civil**.

Uma importante análise que trata do aparecimento do sistema inquisitorial, na Europa e entre nós, acompanha a situação dos judeus em Portugal, observando as relações que se estabelecem entre a **Inquisição** e o poder

político, especialmente durante os séculos XV e XVI, nomeadamente até ao reinado de D. João III.

Presença tão destacada no universo cultural e político português do período, conferiu a Herculano a auréola de liderança cívica que todos reconheciam, até críticos como Teófilo Braga que, na sua **História do Romanismo**, escreveu o seguinte: “*Nunca ninguém exerceu um poder tão grande, na forma a mais espontaneamente reconhecida; as opiniões entregavam-se à sua afirmação, como um povo se entrega a um salvador*”.

Privava o nosso autor da amizade de Dom Pedro V, não tendo aceitado as benesses e distinções que lhe foram oferecidas, como a nomeação de par do Reino, a condecoração com a ordem Torre e Espada e a regência de uma cadeira no Curso Superior de Letras.

Defendeu o casamento civil em lugar do religioso, o que causou diversas polémicas junto do clero, tendo participado nos trabalhos de redação do Código Civil.

Casa-se com 57 anos, e retira-se para próximo de Santarém, onde se dedica aos seus escritos literários, saindo apenas em 1871 para apoiar os jovens escritores quando foram proibidas as **Conferências Democráticas do Casino Lisbonense**.

Nesse período de “*retiro*”, datam diversos escritos seus muito significativos, como a correspondência com Oliveira Martins e as suas críticas às decisões do Concílio Vaticano I, reunido em 1869-1870. Em 1873, começou a publicar os seus escritos avulsos, que tinham anteriormente aparecido na imprensa, sob o título de **Opúsculos**, tendo esta obra, de dez volumes, terminada de ser editada postumamente, em 1908.

Defensor intransigente da propriedade rural, o nosso pensador no entanto mostrou-se sensível à sorte dos camponeses da sua região, que lhe renderam sentida homenagem quando da sua morte, ocorrida em 13 de setembro de 1877.

Alexandre Herculano com a escrita das suas poesias, através dos contos e com o romance histórico criou o género em Portugal do qual se consagrou

a sua obra, com características neoclássicas, sendo considerado uma das mais importantes representações do Romantismo em Portugal.

“Sem título honorífico, condecoração ou distinção era um Homem que na sua virtude, tinha o egoísmo da sua honestidade...”